

Deslocamento midiático e diferenciação de segundo grau

Resumo

O artigo procura definir o deslocamento do campo midiático, para distinguir a etapa atual do processo midiático daquela em que o campo midiático se instaura. Metodologicamente, a proposta de desentranhamento (Braga, 2011a) orienta a leitura aqui realizada. Busca-se a identificação de dinâmicas gerais daquele deslocamento. Aponta-se uma diferenciação midiática específica, marcada pela elevação do processo midiático a um grau de força construtora da dinâmica social. Como resultado, são destacados fenômenos e ângulos que permitam caracterizar a atual etapa do processo midiático.

Palavras-chave: mediatização; processo midiático; campo midiático.

Resumen


El artículo pretende definir el desplazamiento del campo mediático, para distinguir la etapa actual del proceso mediático de aquella en la cual el campo mediático se establece. Metodológicamente, la propuesta para sacar teóricamente (Braga, 2011a) dirige la lectura aquí realizada. El artículo busca la identificación de las dinámicas generales de aquél desplazamiento. Apunta a una diferenciación mediática específica, marcada por la elevación del proceso mediático a un grado de fuerza constructora de la dinámica social. El resultado es que se destacan fenómenos y ángulos para caracterizar la etapa actual del proceso mediático.

Palabras clave: mediatización; proceso mediático, campo mediático.

Abstract

The article aims to define the mediatic field's shift, to distinguish the current stage of the mediatic process from that in which the mediatic field is established. Methodologically, the proposal of extraction (Braga, 2011a) directs the reading held here. It aims the identification of that shift's general dynamics. It points to a specific mediatic differentiation, marked by the rise of the mediatic process to a level of building force of the social dynamics. As result, phenomena and angles are emphasized to characterize the current stage of the mediatic process.

Keywords: mediatization; mediatic process; mediatic field

 Pedro Benevides¹

¹ Formado em Jornalismo na UnB, onde cursou o Mestrado em Comunicação. Doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos, onde atualmente realiza Pós-doutorado, com bolsa CNPq, no âmbito do Projeto “Afetações da Mediatização sobre o Ofício Jornalístico”, coordenado pelo Dr. Antonio Fausto Neto.
pbenevides0@yahoo.com.br

Introdução

As mudanças relativas à mídia que começam a ser concebidas ao longo dos anos 1990 até meados de 2000 e que ensejam o termo midiatização também incitam a busca de um termo de comparação que melhor expusesse a transformação midiática em andamento. Daí o resgate da ideia de “campo dos média”, de Rodrigues (Braga, 2012a, p. 42; Fausto Neto, 2008b, pp. 90-91; Fausto Neto, 2006b, p. 7), indiretamente confirmada pela observação de Fausto Neto sobre o jornalismo como construtor de seus próprios postulados dentro de “fronteiras internas” (Fausto Neto, 2010c, p. 5). Ambas as concepções se distinguem do novo caráter do processo midiático, no qual já não se dá a “cessão de mediações pelos outros campos ao campo mediático” (Braga, 2012a, p. 43).

Segundo Fausto Neto, é um equívoco compreender a midiatização a partir do próprio campo midiático, como se a dinâmica deste projetasse a midiatização sobre outros campos e atores sociais. Esta perspectiva é midiacêntrica, no sentido específico de que acusa “uma espécie de protagonismo midiático” (Fausto Neto, 2010c, p. 8). Braga está de acordo: “resistimos à perspectiva de que a midiatização da sociedade seja simplesmente decorrente da ‘ação dos meios’ ” (Braga, 2012a, p. 43).

Assim, é considerado um leque de experimentações que não partem apenas de agentes estritamente midiáticos como ponto de partida para compreender as mudanças atuais que deslocam o campo midiático instaurado na etapa histórica anterior. Este artigo visa decompor diferentes dimensões articuladas dessa passagem à fase atual do processo midiático. Metodologicamente, trata-se de uma prospecção de ângulos, que desentranha de análises disponíveis – as de Braga e Fausto Neto – um quadro de componentes substanciais do processo midiático. O desentranhamento como proposta metodológica (Braga, 2011a, p. 71) é usado aqui como modo de recuo da ideia de midiatização, cuja fixação como conceito seria hoje prematura, havendo contudo linhas substanciais – a serem desentranhadas – que permitem conceber o processo midiático e vinculá-lo ao processo social, delineando assim um conjunto geral de fenômenos e de ângulos.

Deslocamento do chamado campo midiático

Descartando o protagonismo midiático, Braga indica vários movimentos acionados por diversos agentes: pode ocorrer a disponibilização de métodos e instrumentos midiáticos para usuários leigos; estes podem tomar a iniciativa de participação experimental em ações midiáticas, por “crítica social, por reivindicações de regulação pública da indústria, por ações sociais organizadas para ocupar espaços de produção e difusão” (Braga, 2012a, p. 34); agentes externos a um campo social

podem incidir sobre ele, desde que repercutam nele ou em seu entorno; existem também ações institucionais segundo as quais um campo se ajusta a este novo ambiente. Assim, há um amplo leque de experimentações, que podem envolver pressão, diálogo, especialização e solidão, num conjunto no qual se colocam “possibilidades de mediatização para setores ‘não-midiáticos’: das mais diversas instituições aos grupos *ad-hoc* e aos indivíduos” (Braga, 2012a, p. 36).

Em meio a novas relações sociais, o jornalismo é afetado de modo mais evidente pelo “enfraquecimento do trabalho de exclusividade do ‘guardião do contato’, enquanto sua principal atividade” (Fausto Neto, 2010c, p. 9). Aqui também há uma variedade de imbricações. Instalam-se “zonas de contatos” nas quais outros campos, grupos e indivíduos se apropriam dos meios jornalísticos (idem *ibidem*). Em certos casos, protocolos jornalísticos “são impregnadas por outras enunciações”; eles também migram com equipes de especialistas para outros campos sociais, que disputam com o jornalismo tradicional as definições de notícia (*ibidem*, pp. 4-5).

Assim, temos um conjunto de iniciativas, manobras e tentativas dentro das quais o campo midiático instaurado em etapa passada assume nova posição em relação aos campos e processos sociais. Isso pode ser chamado de deslocamento do campo midiático. Alguns fatores dessa mudança serão decompostos abaixo.

Uma mudança que deve ser bem distinguida é a apropriação de instrumentos midiáticos por parte de grandes organizações estatais e empresariais – grandeza entendida como a capacidade de contratar equipes profissionais que se responsabilizem pela disputa com os veículos tradicionais. Este tipo de iniciativa também se dá com OnGs de grande porte. A apropriação aqui ocorre pela instalação de um ramo midiático especializado dentro de organização não-midiática. Pode acontecer também por terceirização. Isso é mais evidente na proliferação de assessorias de imprensa e no marketing político. Esse modo de apropriação midiática serve de padrão para instituições de menor porte, e assim se propaga pelo conjunto da sociedade. É o que Miège chama de relações públicas generalizadas, que emergem nos anos 1970 (Miège, 2009a, pp. 156-157).

Tais dinâmicas tem como pioneiros os poderes de Estado, as congregações religiosas, as empresas e suas federações, e os partidos políticos, todos de grande porte. As relações públicas generalizadas podem ser entendidas como passo inicial das mudanças normalmente referidas pelo termo mediatização. Perceber aquele pioneirismo é um modo de ponderar o aparente grau de ineditismo de fenômenos mediatizados, cuja originalidade deve ser bem delineada. A instauração e a generalização das relações públicas devem ser bem distinguidas, uma vez que o deslocamento aqui abordado é mercado pela transversalidade construída pela propagação dessas dinâmicas, e não apenas a sua apropriação por organizações de grande porte.

As grandes organizações que incorporam métodos midiáticos buscam por um lado incidir sobre a dinâmica de emissão centralizada de mensagens dos maiores veículos. Por outro, essa mesma dinâmica se modifica quando a incorporação se propaga entre diversas práticas e instituições da sociedade, difundindo-se pela sociedade civil e chegando aos indivíduos. Assim, referências específicas da

mídia “Migram para outras práticas sociais, atravessando-as e afastando-as por operações significantes, cujo emprego é condição para que as mesmas passem a ser reconhecidas” (Fausto Neto, 2008b, p. 94).

Se a instauração das relações públicas está diretamente vinculada ao campo midiático, sua generalização já outros vínculos e nova etapa, pois quando tal profusão de discursos e interações midiáticos se normaliza, ganha ênfase a circulação (ou fluxos, ou ainda circuitos), que marca uma diferenciação nítida em relação às linhas de produção e consumo estabelecidos pelo então campo midiático.

As defasagens, desajustes e dessimetrias entre produção e recepção são características fortes da etapa anterior (Fausto Neto, 2010b, p. 93). Sem que deixe de haver produção e recepção com atores e lógicas próprias, entra em funcionamento uma dinâmica nova que não dissolve estes polos mas que destaca a circulação, entendida como redesenho das relações entre produção e recepção, colocando desdobramentos, bifurcações e acoplamentos em “novas zonas de produção de sentido”, também chamadas de “zonas de pregnancies” (Fausto Neto, 2010b, pp. 93-94). Ganha ênfase uma “zona de articulação” na qual se contatam produtores e receptores, e a relação entre estes se faz em “situações de interface”, de modo que “o que para uns é o sistema para outros é o entorno” (Fausto Neto, 2010b, p. 94).

Três análises e cinco fatores

Cabe uma aproximação a análises concretas, das quais se depreendam os fatores constitutivos do deslocamento. Fausto Neto investiga três casos em que organizações e indivíduos se apropriam de procedimentos midiáticos, para daí observar nuances da midiaticização. Em agosto de 2006, o PCC (Primeiro Comando da Capital) sequestra um jornalista e um técnico da Rede Globo visando transmitir um comunicado sobre medidas abusivas do governo de São Paulo contra a população carcerária (Fausto Neto, 2006a, pp. 39-48). Num segundo caso, em setembro de 2006, tempo de eleições presidenciais, um delegado da polícia federal divulga fotos de dinheiro apreendido com assessores petistas. O delegado demonstra “tirocínio midiático” ao arrumar o dinheiro para formar um volume chamativo, ao calcular o horário de divulgação e ao armar junto com jornalistas uma versão sobre o vazamento. Em seguida, revela-se uma fita gravada por jornalista com registro dessa armação, o que repercute apenas em sites, sem maior circulação (Fausto Neto, 2007a, pp. 83-84).

Nessas disputas pelo controle das condições de enunciação midiática, Fausto Neto caracteriza a iniciativa do PCC como “contra estratégia de visibilidade” (Fausto Neto, 2006a, p. 42) ou ainda como “construção de estratégias de reconhecimentos” (Fausto Neto, 2007a, p. 80). Trata-se assim da constituição de estratégias e das relações entre elas, que se dão numa disputa acirrada que passa a envolver o deslocamento das fronteiras entre campos, que nem por isso se dissolvem. Assim, no caso do delegado, existe “uma nova modalidade de

interação entre os campos sociais” marcada pela tomada de regras do trabalho jornalístico, de modo que a “natureza da finalidade maior do trabalho do jornalismo, a oferta da atualidade, parece escapar das fronteiras das rotinas desse campo” (ibidem: 80). O primeiro caso expõe tanto a capacidade de apropriação do PCC quanto a capacidade de reafirmação da supremacia da mídia, uma vez que testemunhamos, por um lado, o conhecimento e a incorporação das tramas da produção midiática por parte de uma organização de base carcerária sem especialização jornalística (Fausto Neto, 2006a, p. 43 e 45) e, por outro lado, a habilidade da mídia em fazer o grave comunicado do PCC sobre os abusos do Estado ser “desconhecido e/ou desviado pelo tratamento jornalístico. Desta feita, o discurso jornalístico politiza-o [o comunicado do PCC] de outra forma, associando-o à ordem da criminalidade” (ibidem: 49).

No terceiro caso, de novembro de 2011, o Instituto Lula (IL) anuncia em seu site o corte de cabelo e barba do ex-presidente em tratamento contra o câncer, divulgando breve nota textual e três fotografias de um Lula sorridente sendo barbeado e acariciado pela esposa (Fausto Neto, 2012, p. 298). Os grandes veículos recebem as imagens para, em seguida, potencializar sua circulação, com a iniciativa de editar ou reenquadrar o material (ibidem: 312). Se a reapropriação pela mídia não muda substancialmente a mensagem carismática original, os jornais vão desbançar esta imagem na seleção dos comentários que acompanham as matérias nos portais. Se o IL garante que a enfermidade não ensejará imagens de fraqueza, capitalizando a situação como fonte de empatia, os jornais vão oferecer para as vozes que lhes convem – selecionadas como postagens online – a chance de expor a manobra do IL, agora como antipático oportunismo.

A partir destas três análises, podemos depreender dinâmicas combinadas. Há quatro fatores fortes que podem ser destacados daquelas análises. Em primeiro lugar, a apropriação de saberes e instrumentos midiáticos e a execução de ações midiáticas por agentes que na etapa anterior se reduzem a fontes ou objetos. Implícita aqui se encontra a disponibilização de infra-estrutura de telecomunicações e de aparelhos midiáticos que se capilarizam por diversos estratos sociais, o que significa que a apropriação que nos aparece hoje depende também da iniciativa anterior de outros agentes.

Em segundo lugar, coloca-se uma variedade de agentes que realizam a apropriação – de organizações a indivíduos. Nos casos acompanhados, temos uma instituição formal como o IL, que é parte de organização política de grande escala; uma organização clandestina como o PCC, sem órgão ou assessoria dedicada à mídia; e uma autoridade policial agindo por iniciativa aparentemente extraoficial. Esse leque indica uma apropriação generalizada, o que por sua vez exige a consideração pelo fator da competência, para além da mera apropriação.

O terceiro fator é a alternância de posições entre produtor e receptor, ou entre sistema e entorno, como vimos acima, tomando a zona de pregnâncias ou a circulação como um conjunto de vários momentos de posições voláteis. No caso específico do jornalismo, está visível o seu deslocamento, no sentido de que perde exclusividade e primazia.

Em quarto lugar, encontra-se uma assimetria reformulada entre diversos agentes e o campo midiático: a apropriação que aqueles acionam é limitada, enquanto é alta a capacidade de reapropriação dos grandes veículos especializados,

dos quais dependem aqueles agentes não especializados. Assim, o tirocínio do delegado é realmente expressivo porém muito estreito: ele tateia na negociação com jornalistas, pensa alto, confunde-se e por fim comete a ingenuidade de não supor que está sendo gravado. No momento de lançar as imagens, o delegado tem considerável grau de controle, que sai de suas mãos completamente nos momentos seguintes do fluxo. Curiosamente, no caso do PCC, o método do sequestro serve tanto para reconhecer quanto para afrontar o poder da Globo. O PCC também assume o imperativo da assessoria, quando faz do sequestrado um consultor, sob contrato de vida ou morte. Os adversários concedem e exigem com um vocabulário midiático comum. O PCC tem maior controle inicial, mas no dia seguinte a mídia em bloco se volta contra ele, numa grande operação de distração.

O quinto fator que pode ser depreendido indiretamente dessas análises é o que Braga chama de fluxo adiante (2012c, p. 14), uma zona que sempre escapa às relações entre sistema e entorno, e que a qualquer momento pode se agregar abalando esforços de controle dos agentes mais concentrados. Isso pode ser entendido como uma distinção interna ao fenômeno da circulação. O papel da internet na viabilização deste fator parece grande e exige ponderação. No caso do delegado, vimos que sites e blogs dão mais atenção do que grandes veículos para a fita que revela a operação mas nem por isso alcançam maior reverberação. Podemos supor que a baixa repercussão dessa evidência reveladora se deve a uma combinação de interesse político e acesso à tecnologia: o alinhamento da mídia em torno do escândalo envolvendo petistas se soma à propagação relativamente elitizada da internet no Brasil em meados dos anos 2000. No caso do PCC, a análise de Fausto Neto nem passa por tais fluxos online. Já na ação do IL, estes são ponto de partida (as fotos são divulgadas em site) e serão vitais para o manejo da grande mídia, como vimos.

Não temos aqui dinâmicas que se reduzam a dois ou três termos. Sua qualidade resiste a sínteses. A alternância e o deslocamento existem, mas articulados ao poderio midiático empresarial que exerce graves limites ao deslocamento – mesmo sob a pressão do sequestro, a Globo edita o comunicado do PCC. O delegado, o PCC e o IL possuem poder considerável, mas que precisa de oportunidades específicas para se realizar, enquanto que as empresas de mídia possuem décadas de estruturação e de exercício diário que lhes permitem impor continuamente seu arbítrio, que por sua vez não é incontestável e precisa se ajustar ao fluxo. Agentes não especializados tem iniciativa mas fôlego curto. A volatilidade se impõe, sem ultrapassar a força de manejo dos grandes agentes, que possuem capacidade de elaborar estratégia, que por definição não fica no curto prazo, ao passo que seu próprio planejamento deve se dobrar a oscilações. E assim por diante.

Diferenciação midiática de segundo grau

Segundo Braga, podemos diferenciar dois níveis de mediação, um no qual processos sociais específicos incorporam lógica midiática e um outro em que a própria sociedade se media. No primeiro nível, ocorre a mediação

de diversas instâncias sociais, como a política, o entretenimento, a aprendizagem etc. No segundo, o processo midiático atinge a condição de processualidade interacional de referência, isto é, de “direcionadores na construção da realidade social” (Braga, 2007, p. 143). Alinhado a essa ideia, Fausto Neto afirma que a cultura midiática deixa a posição auxiliar, tornando-se uma “espécie de ‘sujeito’ dos processos e das dinâmicas de interação social” (Fausto Neto, 2008b, p. 94) e passando a ser “referência engendradora no modo de ser da própria sociedade” (Fausto Neto, 2008b, p. 93). Não estamos aqui diante da percepção de centralidade, uma vez que a dinâmica midiática passa a interferir na própria constituição social, transcendendo os meios de comunicação, o campo midiático e o próprio âmbito das práticas institucionais que antes incorporaram as dinâmicas midiáticas.

“Já não se trata mais de reconhecer a centralidade dos meios na tarefa de organização de processos interacionais entre os campos sociais, mas de constatar que a constituição e o funcionamento da sociedade – de suas práticas, lógicas e esquemas de codificação – estão atravessados e permeados por pressupostos e lógicas do que se denominaria a ‘cultura da mídia’ (...) [esta] se converte na referência sobre a qual a estrutura sóciotécnica-discursiva se estabelece” (Fausto Neto, 2008, pp. 92-93).

Essa dinâmica midiática, já socialmente capilarizada e além disso direcionando a construção social, volta a interferir sobre os próprios veículos, rotinas e produtos midiáticos que antes lhe deram origem, mas que já não podem ser mais os mesmos diante do grau superior atingido por aquela dinâmica. Ocorre então uma espécie de reincidência, também chamada de afetação: a lógica midiática que se diferencia dos próprios meios passa a afetá-los. Já vimos como isso se manifesta sobre guardiões e zonas de contatos, numa “sociedade marcada por elevados processos de midiáticação, [na qual os acontecimentos] se engendram muito além das próprias fronteiras do jornalismo” (Fausto Neto, 2007a, p. 79). A afetação pode ser encarada pelo ângulo de que o produto midiático já internaliza uma pretensão de se fazer incidir sobre a circulação em que se inscreve – em outras palavras, o produto carrega uma lógica de inscrição no fluxo (Braga, 2012a, p. 48).

Dos artigos de Braga e Fausto Neto podemos desentranhar uma hipótese geral, a saber, está em andamento um processo social específico, uma espécie de diferenciação midiática de segundo grau, e que compreende certos termos fundamentais. O primeiro seria a diferenciação e centralidade do campo midiático, acompanhada pela instauração das relações públicas. Estes seriam termos consolidados em etapa historicamente anterior e incorporados de modo inflético pela fase atual. Seriam um primeiro grau de diferenciação midiática, no qual o campo midiático ganha a coesão que o distingue do conjunto dos meios de comunicação que o originam. O segundo grau dessa diferenciação começa a se manifestar pela generalização das relações públicas, que pode ser entendido como precedente da emergência da circulação, cuja consolidação modifica as relações entre produção e recepção. A diferenciação de segundo grau se aprofunda com o entrelaçamento entre a dinâmica midiática e as

forças amplas de constituição da sociedade. Esse aprofundamento é também uma espécie de externalização da dinâmica midiática em relação ao campo midiático e também ao âmbito geral dos campos sociais, que assim passariam a sofrer a reincidência ou a afetação dessa dinâmica diferenciada.

Processo midiático e ilegitimidade social

Um último traço substantivo pode ser extraído dos estudos que pressupõem a noção de processo midiático. Este traço se refere à dimensão social implícita na esfera midiática. Assim como o social se introjeta na técnica, segundo Miège (2009a, p. 62), podemos aventar a hipótese de que uma sondagem da dinâmica social pode ser executada a partir da análise de fatores internos à dinâmica midiática. Trata-se de buscar o todo dentro da parte – uma espécie de desenranhamento invertido, em relação ao que propõe Braga (2010).

Essa inversão pode ser esboçada tratando de modo combinado duas partes do artigo de Braga de 2007 que nele se encontram separadas: os ângulos de prospecção e os processos lacunares. Um trecho do texto aborda oito características ou marcas especiais da mediatização, na intenção de apresentar perspectivas para pesquisa de particularidades desse processo. Em seguida, Braga estuda seis tópicos de requisitos não atendidos “cobrados por sua própria lógica [a da mediatização] enquanto processo interacional” (Braga, 2007, p. 157). As características e as lacunas participam de etapa bem delimitada, sendo que o livro e o jornal impresso seriam “formas preliminares e especializadas de mediatização”, enquanto que o “diferimento e difusão da imagem, com fortes componentes tecnológicos eletrônicos” compõem processo relativamente distinto daquele envolvido na escrita (Braga, 2007, p. 149).

A descontextualização, o enquadramento de diferentes contextos e a tradução de padrões especializados (ibidem, p. 152-155) são características da mediatização que exprimem a capacidade de reenquadramento de práticas, conteúdos e lógicas de outros campos sociais em termos midiáticos próprios. Eles podem ser entendidos como fatores do “vasto processo de rearranjo e construção de campos”, qualificados mais especificamente como “campos de significação”: entretenimento e educação, política e vida privada, economia e afetos, cultura e diversão. Este rearranjo implica uma lacuna que se caracteriza como uma indefinição de setores sociais ou uma instabilidade que dificulta comutações eficientes entre eles (ibidem, p. 161). Aqueles três fatores se articulam, assim, ao deslocamento de práticas, valores, instituições e autoridades, o que é um modo de entender o referido rearranjo.

Segundo Braga, prevalece hoje a “ausência de claras articulações de subsunção” entre mídia, escrita e presencialidade, tendo como contra-exemplo a escola, na qual se construíram articulações bem sedimentadas entre escrita e oralidade, “com uma boa distribuição de atribuições de tarefas entre o livro e a sala de aula” (ibidem, p. 163). O autor antecipa um longo caminho de experimentações, cuja efetividade atual está em “apropriações

parciais, redirecionamentos, desencontros” e cujo horizonte são “articulações plausíveis de tarefas e de valores” entre mídia, escrita e oralidade (idem *ibidem*). Colocada esta incompletude, Braga a relaciona explicitamente com “lacunas no processo de legitimação”, para além da mera aceitação de processos mediatizados na sociedade. Baseando-se em Berger e Luckmann, a legitimação é entendida como integração de diferentes processos, numa totalidade significativa, plausível e acessível, consistente o bastante para gerar percepção de continuidade e estabilidade (*ibidem*, pp. 163-164). Daí a constatação de “um esgarçamento dos padrões de credibilidade habituais” do jornalismo e sua passagem “para processos tecnologicamente mais inclusivos e dotados de maior penetrabilidade” (*ibidem*, p. 164).

Outra relação entre ângulos e lacunas se encontra em que as interações midiáticas não exigem formação prévia, o que pode ser entendido como requisito de sua ampla variedade, abrangência e incidência, permitindo interagir múltiplos sub-universos (*ibidem*, p. 165). Mas para Braga isso não esgota a questão das competências de interação midiáticas: “A processualidade mediática não requer longas formações para a participação em interações pontuais – mas uma socialização na processualidade complexa da mediatização não se reduz a tais inserções singulares” (*ibidem*, p. 165). Braga se preocupa em alcançar produção e edição interpretativas complexas, diante do que não se prescinde de preparo individual e social, de aprendizagens e de socialização. Em nota, o autor lembra que esforços de “leitura crítica”, “educação para a mídia” e “educomunicação” não se consolidaram amplamente (idem *ibidem*). Assim, ultrapassando a interação pontual e refletindo sobre a referida socialização inscrita na mediatização, fica evidente a insuficiência das competências atualmente colocadas, o que na prática pode ter vindo a ser condição para o caráter diferido e difuso.

Podemos entender que o campo midiático internaliza o deslocamento de campos através dos três traços constitutivos mencionados acima, a descontextualização, o enquadramento e a tradução. Em outras palavras, a relação externa que aparece como rearranjo ou deslocamento de campos é também um conjunto de fatores internos ao campo midiático. O deslocamento que o campo midiático impôs aos demais ao se instaurar é parte anterior do mesmo processo geral que agora faz o campo midiático ser deslocado por sua vez, dentro de uma dinâmica em que o conjunto dos campos parece ser marcado por indefinições e instabilidade. O que Braga percebe como articulações mal sedimentadas entre mídia, escrita e oralidade implica o problema geral da legitimidade. Este se especifica como o problema da credibilidade para grandes veículos e o das experimentações para participantes não profissionalizados, estas se apresentando como as apropriações, redirecionamentos e desencontros inseridos em processos mais inclusivos e penetrantes, nos termos de Braga.

O caráter diferido e difuso da mediatização pode ser visto como concretamente entrelaçado ao grau específico de preparação exigido pelas interações midiáticas. Em outras palavras, as grandes variedade, abrangência e incidência do processo midiático é afim a competências midiáticas que se mostram insuficientes quando se confrontam

com parâmetros de complexidade interpretativa. A afronta deste critério elevado é condição para o desenvolvimento efetivo do processo midiático. A obstrução desta complexidade pode ser entendida como compensação aos questionamentos à autoridade potencializados pelo deslocamento de campos. O processo midiático incorpora o deslocamento de campos e a instabilidade de autoridades mas constrói seu próprio contrapeso interno. Assim, seria eficaz para a manutenção do processo que a interatividade se reduzisse a interações pontuais diretas que puxassem o usuário para o hiperfluxo (ibidem, p. 154), pois assim ela contrabalançaria a ilegitimidade geral e seus correlatos midiáticos (obstáculos à inteligibilidade e mudança de padrão de credibilidade jornalística). A incompletude poderia ser entendida como fator social internalizado na mídia, que colaboraria com a sustentação tanto do processo midiático quanto do processo social, cuja ilegitimidade de fundo não redundaria necessariamente em ameaça aos fundamentos do processo nem pediria correções substanciais. Se assim for, então características e lacunas se alimentam mutuamente num conjunto relativamente coerente. A aceleração e ampliação do processo midiático, assim como seu caráter diferido e difuso, podem assim ser entendidas como progresso em sentido conservador.

Referências

BRAGA, José Luiz. *Midiatização como processo interacional de referência*. MÉDOLA, Ana Sílvia; ARAÚJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda. (Org.). *Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática*. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. *Disciplina ou campo? O desafio da consolidação dos estudos em Comunicação*. FERREIRA, Jairo, PIMENTA, Francisco J. P. e SIGNATES, Luiz (org.). *Estudos de Comunicação: Transversalidades epistemológicas*. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

_____. *Constituição do Campo da Comunicação. Verso e Reverso* (Unisinos. Online), v. 25, p. 62-77, 2011a.

_____. *Dispositivos Interacionais*. In: XX Encontro Anual da Compós, 2011, Porto Alegre. XX Encontro Anual da Compós, 2011b.

_____. *Uma heurística para a pesquisa comunicacional* (produzir perguntas a partir dos dispositivos interacionais). Paper. Seminário PROCAD “Crítica Epistemológica” (Unisinos, UFG, UFJF). Goiânia, 2011c.

_____. *Circuitos versus Campos Sociais*. MATTOS, Maria Ângela, JANOTTI JUNIOR, Jeder e JACKS, Nilda (org.). *Mediação & Midiatização*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012a.

_____. *La política de los internautas es producir circuitos*. CARLÓN,

Mario; FAUSTO NETO, Antonio (org.). *Las Políticas de los Internautas*. Buenos Aires: La Crujia, 2012b.

_____. *Dispositivos & Circuitos* – uma síntese. Paper. Seminário “Dispositivos e Circuitos em Comunicação”. São Leopoldo, 2012c.

FAUSTO NETO, Antônio. “*Será que ele é? Onde estamos? A midiatização de um “discurso proibido”*”. Ícone. Ano 7, n.9, Dezembro 2006a.

_____. *Midiatização: prática social, prática de sentido*. Paper: Encontro Rede Prosul – Comunicação, Sociedade e Sentido, no seminário sobre midiatização, Unisinos. PPGCC, São Leopoldo, 2006b.

_____. A midiatização jornalística do dinheiro apreendido: das fotos furtadas à fita leitora. Comunicação. Veredas (UNIMAR), v. 1, p. 76-90, 2007a.

_____. Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos. *Diálogos Possíveis* (FSBA), v. 6, p. 27-39, 2007b.

_____. Ombudman: A interrupção de uma fala transversal. *InTexto*, v. 1, p. 35-47, 2008a.

_____. Fragmentos de uma “analítica” da midiatização. *Revista Matrizes*, v. 1, p. 89-105, 2008b.

_____. Mudanças da Medusa? A enunciação midiatizada e sua incompletude. FAUSTO NETO, Antônio, GOMES, Pedro Gilberto, BRAGA, José Luiz, FERREIRA, Jairo (orgs.). *Midiatização e Processos Sociais na América Latina*. São Paulo: Paulus, 2008c.

_____. As bordas da circulação. *Alceu* (PUCRJ), v. 10, p. 55-69, 2010a.

_____. Epistemologia do zigue-zague. FERREIRA, Jairo, PIMENTA, Francisco J. P. e SIGNATES, Luiz (org.). *Estudos de Comunicação: Transversalidades epistemológicas*. São Leopoldo: Unisinos, 2010b.

_____. *Afetações da Midiatização sobre o Ofício Jornalístico: Ambiência, identidades, discursividades e processos interacionais*. Projeto de pesquisa. Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. São Leopoldo. 2010c.

_____. Transformações do campo jornalístico na sociedade midiatizada: as estratégias de celebração e consagração. MORAES, Dênis de (org.). *Mutações do visível – Da comunicação de massa à comunicação em rede*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010d.

_____. Mídiação da enfermidade de Lula: sentidos em circulação em torno de um corpo-significante. MATTOS, Maria Ângela, JANOTTI JUNIOR, Jader e JACKS, Nilda (org.). *Mediação & Mídiação*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

FERREIRA, Jairo. Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos. *Líbero* (FACASPER), v. 1, p. 1-15, 2006.

GOMES, Pedro Gilberto. A mídiação no processo social. *Filosofia e ética da comunicação na mídiação da sociedade*. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

LASCH, Scott. *Crítica de la información*. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

MIÈGE, Bernard. *O Pensamento Comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *A Sociedade Tecida pela Comunicação – Técnicas da informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social*. São Paulo: Paulus, 2009a.

_____. O pensamento comunicacional na contemporaneidade. *Líbero*, v. 12, n. 23, p. 9-18. São Paulo. Jun. de 2009b.

_____. Comunicação e tecnologia na sociedade: uma dimensão transversal (entrevista). *Matrizes*. Ano 3 – nº 1 ago./dez. 2009c.